



Programa Verde Novo
renova parcerias para o
reflorestamento urbano



Empreendedora conquista
mercado com **pão de
queijo mineiro**

ANO XXIX
MARÇO/2025
EDIÇÃO
Nº 350

GOVERNANÇA, EMPRESAS & NEGÓCIOS

RDM Mato Grosso **S/A**

EDIÇÃO DIGITAL ONLINE

RDM
REDE DE MÍDIAS
29
anos



Henrique Maluf leva
MÚSICA
PANTANEIRA
para além das fronteiras



MT ^{POR}
ELAS

PROGRAMA

SER

Família

Mulher



Tipos de violência
contra a mulher

NÃO
É NÃO

- + Se ele te xinga, **É VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA.**
- + Se ele fala mal de você pros outros, **É VIOLÊNCIA MORAL.**
- + Se ele te empurra ou te bate, **É VIOLÊNCIA FÍSICA.**
- + Se ele te força a ter relações, **É VIOLÊNCIA SEXUAL.**
- + Se ele fica com seu dinheiro, **É VIOLÊNCIA PATRIMONIAL.**

Enfrenta uma ou mais situações como essas?
O Governo de Mato Grosso está pronto para te acolher.

Mais informações:
setasc.mt.gov.br



Denuncie
180

Emergência
190



Governo de
**Mato
Grosso**

Música pantaneira além fronteira

Apresentamos a nova edição da revista RDM Mato Grosso S/A, recheada de conteúdos interessantes. Entre os destaques deste mês, está uma entrevista com o músico Henrique Maluf, que mantém viva a música pantaneira e mato-grossense e a leva para o mundo.

E, ainda, trouxemos as novidades sobre o projeto Verde Novo, que busca arborizar o estado de Mato Grosso com ações de plantio e conscientização.

Não deixem de conferir!

Atenciosamente,



Vanessa Moreno

Editora da RDM Mato Grosso S/A

ÍNDICE | Março 2025

06 | Plano de arborização
Programa Verde Novo renova parcerias para o reflorestamento urbano



- 04 | Opinião | Marcela Miranda
- 06 | Programa Verde Novo
- 10 | 1ª etapa do Campeonato Regional de Kart
- 12 | Entrevista | Henrique Maluf
- 14 | Galeria do Pádua
- 16 | Orcs - Uma jornada épica
- 17 | Conquista
- 24 | Aquário Municipal Justino Malheiros
- 27 | Centro de Eventos do Pantanal
- 28 | Parlamento Juvenil do Mercosul
- 29 | Natureza na Veia

CEO
João Pedro Marques

DIRETOR PRESIDENTE
Artur Dias da Fonseca

DIRETORA EXECUTIVA
Shelry Pereira

COORDENADOR EDITORIAL
João Orozimbo Negrão

EDITORA
Vanessa Moreno

EDITOR DE ARTE
Marco Antonio Raimundo

REDAÇÃO
Repórter: Jean Gusmão

CONSELHO EDITORIAL
João Pedro Marques (coordenador), João Negrão (presidente), Shelry Pereira, Vanessa Moreno e Márcio Brandão do Carmo.

NESTA EDIÇÃO

TEXTOS
Jhone Pereira, Jean Gusmão e Assessorias.

FOTOGRAFIA
Tchélo Figueiredo, reproduções, arquivos pessoais e Assessorias.

RDM MATO GROSSO S/A NÃO SE RESPONSABILIZA POR MATÉRIAS E ARTIGOS ASSINADOS, QUE NÃO REFLETEM NECESSARIAMENTE A OPINIÃO DA REVISTA. AS MATÉRIAS ESPECIAIS PUBLICADAS NA RDM SÃO DE COLABORAÇÃO DE SEUS AUTORES E CEDIDAS ESPONTANEAMENTE, SEM FINS LUCRATIVOS.

REDAÇÃO:
(65) 3623-1170 / 3622-2310
redacao@revistardm.com.br

COMERCIAL/MÍDIA:
ARTHUR DIAS DA FONSECA
(65) 3623-1170 - (65) 99682-1470
midia@revistardm.com.br
comercial@revistardm.com.br

ADMINISTRATIVO CENTRAL
(65) 3623-1170

DISTRIBUIÇÃO/CIRCULAÇÃO
NILIS DAIGE MARQUES

A REVISTA RDM MATO GROSSO S/A É UMA PUBLICAÇÃO



A importância da neuroeducação no processo de aprendizado

Lembra quando você era bem pequeno e perguntava para sua mãe se poderia ir a uma festa? Ela dizia que não, você logo retrucava com um "mas, mãe, todo mundo vai", e ela falava "você não é todo mundo". E não é mesmo, cada pessoa tem um estilo de aprendizagem único, afinal, aprender é um processo criativo, e este processo, muitas vezes, é dificultado por alguns sabotadores, que são comportamentos que adquirimos na infância, a fim de termos necessidades emocionais atendidas.

É importante conhecer quem eles são, quais deles se manifestam com maior frequência e perceber quando estão agindo, pois são pensamentos persistentes. Eles nada mais são do que "travas" internas que impedem ou dificultam o aprendizado, e com algumas técnicas de neuroeducação é possível descobrir o motivo destas "travas". É preciso notar quem é o responsável por elas, empatizar-se, explorar os desejos, navegar pelos valores e inovar, ou seja, agir.

Entre esses sabotadores estão a vítima, que sempre fala que não é compreendida por ninguém; o inquieto, que só quer fazer coisas legais; o perfeccionista, que acredita que nada está bom, que poderia fazer sempre melhor; o hipervigilante, que tem tanto medo de falar que nem se arrisca; o hiper-realizador, que quer ocupar as 24 horas do dia, sem descanso; e outros cinco sabotadores, como o hiper-racional, o controlador, o procrastinador, o servil e o crítico.

Por natureza, o ser humano é naturalmente inquieto por aprender, e isto está em nosso DNA. Hoje em dia, há uma quantidade absurda de informações disponíveis, e nessa cobiça de saber um pouco de tudo vamos acumulando conhecimento que, muitas vezes, vão apenas ocupar espaço mental, sem que os coloquemos realmente em prática. Conhecimento não é necessariamente poder, conhecimento é poder em potencial, pois se não é colocado em prática, ou não é usado, ele é simplesmente o mesmo que não saber.

Por isso, a neuroeducação, uma área de estudo que integra a neurociência, a psicologia, a andragogia e as ciências cognitivas, é tão importante para otimizar o processo de aprendizagem. Ela tem a capacidade de impactar não apenas a vida pessoal, mas também a financeira, a saúde e até mesmo os relacionamentos. Ela está intimamente ligada à autoestima, uma ferramenta necessária para se arriscar ou agir perante o medo. Com a autoestima elevada, é possível lidar com ele de maneira efetiva. A neuroeducação ajuda a entender como o nosso cérebro aprende, memoriza e

processa informações. Com esse conhecimento, fica mais fácil criar métodos de ensino que realmente funcionam, deixando o aprendizado mais eficiente e até mais divertido.

Somos seres naturalmente procrastinadores e acabamos deixando para depois aquilo que pode ser feito antes, e isso acontece porque nosso cérebro tem sua lei máxima, a LME, Lei do Mínimo Esforço, formando uma trilha neurológica cada vez que repetimos um comportamento e deixando esse caminho cada vez mais fácil e rápido de ser percorrido. Por isso é tão difícil, às vezes, mudarmos um comportamento que já sabemos que é nocivo. Afinal, aquele caminho já está tão fácil e rápido de percorrer e requer tão pouco esforço do cérebro que acabamos por repeti-lo automaticamente.

Hoje em dia, há uma quantidade absurda de informações disponíveis, e nessa cobiça de saber um pouco de tudo vamos acumulando conhecimento que, muitas vezes, vão apenas ocupar espaço mental, sem que os coloquemos realmente em prática

A mudança de comportamento requer a construção de uma nova trilha, começando do zero. Há até um conto chinês que diz que cada um de nós tem dois cachorros, o mau e o bom, e aquele que for mais bem alimentado vencerá a batalha. Com os nossos comportamentos ocorre a mesma coisa.

Aprender é algo que nos deixa extremamente vulneráveis porque entramos em contato com as nossas crenças mais limitantes, sentimo-nos sozinhos e achamos que só nós estamos passando por aquela dificuldade. Às vezes, sentimo-nos incapazes e até incompetentes. É aí que a neuroeducação entra em campo; afinal, o aprendizado é um processo desafiador, mas não impossível. ●

***Marcela Miranda**, especialista em práticas de aprendizagem acelerada e em Neuroeducação e Programação Neurolinguística (PNL) e autora do best-seller 'Mente aberta, língua solta'



Você sabe como funciona o
CONTROLE DE ACESSO?

Programa Verde Novo renova parcerias para o reflorestamento urbano das cidades mato-grossenses

Além de promover o verde, o programa incentiva a conscientização nos adultos e nas crianças

Da Redação

Pensando no plano de arborização de Cuiabá para reflorestar Mato Grosso, o Programa Verde Novo do Poder Judiciário estadual ampliou o impacto de suas ações por meio de parcerias firmadas no dia 11 de março. O compromisso foi consolidado com a Rede Mato-grossense de Televisão (TVCA), a concessionária de energia elétrica Energisa e o Instituto Ação Verde. Com esse reforço, a iniciativa da Justiça de Mato Grosso intensificará ações de educação ambiental e ampliação das áreas de plantio de mudas de árvores nativas e frutíferas do bioma Cerrado.

Pioneiro na defesa do meio ambiente, o presidente do Tribunal de Justiça de Mato Grosso, desembargador José Zuquim Nogueira, passou a ser referência no tema ao inaugurar, em 1996, a 1ª Vara Especializada em Direito Ambiental do país. A atuação do magistrado, ligada às pautas ambientais, teve reco-

nhecimento, inclusive, do Prêmio Inovare. Ao assinar a renovação dos termos de cooperação com as instituições parceiras do Programa Verde Novo, o presidente celebrou os avanços e conquistas.

“Esse é um momento de alegria para o Judiciário. Alegria porque estamos renovando uma parceria que demonstra preocupação com a atualidade e com a futura geração. Os nossos parceiros são de suma importância para o desenvolvimento desse programa”, reforçou o presidente do TJMT.

Criado em 2017, o Programa Verde Novo foi idealizado pelo desembargador Rodrigo Roberto Curvo, na época, juiz da Vara Especializada de Meio Ambiente e do Juizado Volante Ambiental de Cuiabá. Diante do desafio de julgar casos de prejuízos ambientais, o magistrado se empenhou para também atuar na prevenção dos danos.

“O Poder Judiciário brasileiro tem

como missão julgar processos e causas ambientais. Quando o julgamento de um crime ambiental, de uma infração administrativa ambiental, ocorre, uma degradação ao meio ambiente já aconteceu. E, ao realizar ações, como o Programa Verde Novo, por meio do plantio de árvores, buscamos conscientizar as pessoas pela preservação do meio ambiente, para que a degradação não ocorra. Trabalhamos e sonhamos para chegar a um momento em que a conscientização seja tamanha que se evite a existência de crimes ambientais”, pontuou o desembargador Rodrigo Curvo, gestor-executivo do Programa Verde Novo.

Ao longo desses oito anos de atividade, o Programa Verde Novo já distribuiu e plantou mais de 219 mil mudas. A iniciativa mobiliza a sociedade, que tem contribuído efetivamente para a recuperação das florestas urbanas de Cuiabá.

PARCEIROS

Na missão de conscientização ambiental estão também as empresas TVCA e



O projeto Verde Novo promove ações de conscientização para crianças

a Energisa. O Programa Verde Novo está disponível para as 79 comarcas de Mato Grosso, e fazer com que a mensagem chegue a toda a população é uma das tarefas da emissora de televisão.

“É desafiador, porém é necessário. Esse trabalho, feito pelo TJ, é fundamental para dar às futuras gerações uma qualidade de vida. Por essa razão, apoiamos o programa, que faz parte do nosso DNA, e daremos toda a visibilidade para podermos conscientizar, educar, informar toda a população”, afirmou Nicomedes Silva Filho, diretor-geral da Rede Mato-Grossense de Comunicação TVCA.

Já o presidente da Energisa Mato Grosso, Marcelo Vinhaes Monteiro, destacou que o Programa Verde Novo está diretamente ligado aos valores da companhia. “Completamos 120 anos de companhia e temos a preocupação sobre qual mundo deixaremos para as próximas gerações. [O Verde Novo] É um programa que visa trabalhar a educação, a conscientização, trabalhar as

“Esse é um momento de alegria para o Judiciário. Alegria porque estamos renovando uma parceria que demonstra preocupação com a atualidade e com a futura geração. Os nossos parceiros são de suma importância para o desenvolvimento desse programa”

crianças, melhorar a qualidade de vida das pessoas, que acho que conecta muito com o que a Energisa acredita”.

Além de atuar na educação, a concessionária também compartilha informações técnicas para a arborização ser realizada corretamente, sem danos à rede de transmissão.

Também participaram da solenidade de assinatura dos termos de cooperação o juiz auxiliar da Presidência do TJMT, Agamenon de Alcântara Moreno Júnior; o gestor jurídico da Energisa, Marcelo Marques; e o diretor de Entretenimento da TVCA, Ulisses Serotini.

Qualquer pessoa interessada em contribuir como voluntário no Programa Verde Novo pode solicitar por e-mail a sua inclusão no grupo de mensagens, onde são divulgados, em primeira mão, o calendário de ações e outras informações sobre as iniciativas do programa.

O programa será viabilizado por meio de Termo de Cooperação Técnica com municípios parceiros, em colaboração com o Instituto Ação Verde, Energi-



O programa firmou parcerias para ampliar o impacto das ações

sa, TVCA, Fiagril e Unicred, que apoiam a doação de mudas e a execução das atividades.

AÇÕES

A atuação tem chegado a diversos locais em Cuiabá, como bairro Osmar Cabral, Doutor Fábio, escolas públicas, parques, e demais áreas, com plantios e distribuição de mudas.

O Verde Novo tem atendido o chamado da população para tornar Cuiabá mais verde e arborizada, como ocorreu em um residencial de Cuiabá, no dia 8 de março. Numa manhã de aprendizado e contato com a natureza, crianças e adultos participaram ativamente de um evento que uniu educação ambiental e plantio de mudas de árvores nativas e frutíferas do bioma Cerrado.

A programação incluiu uma palestra sobre a importância da arborização urbana, seguida pelo divertido jogo "Rebojando", que ensinou de forma lúdica sobre a preservação do meio ambiente. O ponto alto da ação foi o plantio de 200 mudas de árvores (ipês branco, amarelo e roxo, pata de vaca, aroeira, jacarandá, entre outras). Cada criança cuidará da árvore que plantou e que está identificada por uma placa com seu nome. As mudas foram doadas

“É desafiador, porém é necessário. Esse trabalho, feito pelo TJ, é fundamental para dar às futuras gerações uma qualidade de vida. Por essa razão, apoiamos o programa, que faz parte do nosso DNA, e daremos toda a visibilidade para podermos conscientizar, educar e informar toda a população”

por meio do Programa REM da Secretaria Estadual do Meio Ambiente.

As crianças também participaram do jogo educativo Rebojando, criado pelo Programa do TJMT para promover a conscientização ambiental de forma lúdica e interativa. O jogo é utilizado em ações educativas como palestras, oficinas e eventos em escolas e comunidades e desenvolvido pelo 2º sargento da Polícia Militar de Mato Grosso, Marcelo Luciano Pereira Campos, do Juizado Especial Ambiental (Juvam) de Cuiabá. Ele é o palhaço Lelé Picolé Curipampam. Além disso, os pequenos ajuda-

ram no plantio de uma centena de mudas de árvores diversas.

PLANTANDO O FUTURO

No residencial moram 350 famílias e cerca de 130 crianças participaram da ação do Programa Verde Novo, que transformou a manhã numa aula prática de cidadania e cuidado com o meio ambiente. Elas ouviram com atenção a engenheira florestal do Programa Verde Novo, Rosiane Carnaíba, falar sobre a importância da arborização urbana.

"O Verde Novo veio fazer essa ação de plantio de mudas com a ajuda dos moradores e conscientizar, principalmente as crianças. Elas escolheram as mudas, plantaram e colocaram a plaquinha com seu próprio nome, indicando que são responsáveis pelas mudinhas. É muito importante que as crianças aprendam desde cedo a importância da arborização urbana e de cuidar do meio ambiente", destacou Rosiane.

Um dos moradores do residencial, Marcelo Lopes Ribeiro, explicou que a nova gestão, da qual faz parte, tem foco na conscientização ambiental das crianças. O objetivo é criar um senso de responsabilidade ambiental, ensinando-as sobre a importância da preservação e os benefícios das plantas.



Crianças e adultos participam ativamente de eventos que promovem educação ambiental



Para saber mais sobre o programa, entre em contato pelo e-mail verdenovo@tjmt.jus.br ou pelo Instagram [@programa.verdenovo](https://www.instagram.com/programa.verdenovo)

“Queremos plantar a sementinha na cabeça delas sobre a importância da preservação ambiental e mostrar que uma planta não é só colocar no chão. Ela precisa ser cuidada e tem muitos benefícios. Queremos que cada um deles tenha essa consciência e leve para o resto da vida”, explicou ele, que auxiliou seus filhos, Leonardo e Júlia, no plantio das mudas.

O plano é acompanhar o cuidado das plantas, com comunicados frequentes e apoio nas tarefas mais complexas, enquanto as crianças assumem a responsabilidade de regar e cuidar de suas mudas. Marcelo afirmou que a parceria com o projeto Verde Novo foi fundamental para a realização do evento.

PEQUENOS PLANTADORES

Luís Fernando Souza do Prado, de 11 anos, agilizou o plantio de sua primeira árvore. Ele mesmo pegou a plaquinha com seu nome e escolheu o local para a muda de ipê. Ele planeja dedicar-se diariamente aos cuidados da planta, movido pelo desejo de que os moradores tenham ar puro para respirar melhor, especialmente nos meses de seca.

“Quero ver essa árvore crescer e vou cuidar dela todos os dias para ela crescer firme e forte. Eu tenho paixão por muitas coisas 'tops', como jogos, bichinhos de pelúcia e plantas, porque a minha mãe tem bastante em casa. Estou achando que vamos ter um ar bem melhor porque vem muita fumaça aqui e é

muito ruim. Acho que as plantas vão tirar a fumaça e melhorar o ar e brincar na sombra”, explicou Luís Fernando, enquanto seus pais auxiliavam seu irmão menor no plantio de outra árvore.

Já Joaquim Montiel, de 10 anos, não é principiante. Ele já havia plantado árvores antes e, apesar do entusiasmo em contribuir para o meio ambiente, Joaquim não escondeu o desafio de acordar cedo. “Achei meio ruim acordar 7h da manhã para vir aqui. Ontem foi um dia bom porque fui ao parque de diversão”, disse ele, que superou o sono e plantou um ipê amarelo.

Em casa, Joaquim é incentivado a cultivar o respeito pelos animais e pela natureza. Jorge Montiel, pai de Joaquim, expressou sua aprovação à ação do Verde Novo, destacando a importância de iniciativas que aproximam as crianças do meio ambiente. “Estimula e aproxima muito as crianças a terem contato com a natureza, a entender que cuidar de uma planta, de um animal e da própria natureza faz muito bem para o meio ambiente e é isso que precisamos preservar”.

Cecília Weber tem três aninhos e contou as etapas da atividade de sábado. “Peguei, plantei, reguei e tirei foto. Vou chamar ela de Florida”. Ela garantiu que vai cuidar da mudinha de ipê como cuida de seu cachorrinho.

O pai da Cecília, Lauro Weber, falou da alegria em participar da iniciativa e destacou a interação entre as crianças e as famílias. “Ver as crianças crescendo com a consciência da importância de cuidar do meio ambiente, de ter um espaço verde, de plantar e cultivar é fundamental. A atitude do condomínio, de chamar o Verde Novo, foi ótima. Precisamos de mais áreas verdes, especialmente para melhorar a qualidade do ar”, disse.

Para saber mais, entre em contato pelo e-mail: verdenovo@tjmt.jus.br ou Instagram [@programa.verdenovo](https://www.instagram.com/programa.verdenovo).

Para participar do programa de arborização, o cidadão ou instituição pode entrar em contato com o Verde Novo pelo e-mail verdenovo@tjmt.jus.br ou pelo ZapMudas (65) 3648-6879 e solicitar uma distribuição gratuita ou o plantio de mudas de árvores em terrenos, bairros, escolas, jardins e outros espaços públicos. Interessados em se voluntariar também podem fazer seu cadastro pelo site do Verde Novo (verdenovo.tjmt.jus.br). ●

Parque Novo Mato Grosso sedia 1ª etapa do Campeonato Regional de Kart

Competição é a primeira do calendário oficial da Federação Mato-grossense de Automobilismo a ser realizada no Parque

Da Redação

O Kartódromo do Parque Novo Mato Grosso foi palco, no dia 15 de março, da primeira competição oficial do calendário da Federação de Automobilismo do Estado de Mato Grosso (Faemt). A 1ª etapa do Campeonato Regional de Kart reuniu no local 40 pilotos de quatro categorias diferentes e foi realizada pela Federação, com apoio da Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer (Secel).

O Parque Novo Mato Grosso, que está sendo construído pelo Governo de Mato Grosso, será o maior espaço multieventos da América Latina. A pista do Kartódromo será a maior da América do Sul, com 1.153 metros de extensão total.

Promessa do Kart, o piloto mato-grossense Dimy Kalinowsky participou da competição e comentou que

a sensação de fazer parte do primeiro evento oficial do Kartódromo do Parque Novo Mato Grosso foi muito boa e especial.

“Uma pista como esta ajudará muito não só o Kart a crescer no estado e no país, como será muito bom para o automobilismo como um todo. Fico imaginando as novas tecnologias que virão por aqui por causa desta estrutura que está sendo construída”, destacou Dimy, que mora em Cuiabá e é o primeiro piloto de kart com autismo no Brasil.

O governador Mauro Mendes acompanhou o evento e destacou que em breve o espaço, com todos

os seus equipamentos esportivos, estará disponível para a população mato-grossense.

“Hoje tem gente de várias cidades nesta competição e logo, logo, vai ter competição estadual aqui, vamos ter campeonatos nacionais e o Parque vai ser uma opção não só para o esporte, mas para a diversão das famílias mato-grossenses”, ressaltou o governador.





A 1ª etapa do Campeonato Regional de Kart reuniu 40 pilotos no Parque Novo Mato Grosso

“Uma pista como esta ajudará muito não só o Kart a crescer no estado e no país, como será muito bom para o automobilismo como um todo. Fico imaginando as novas tecnologias que virão por aqui por causa desta estrutura que está sendo construída”

Para o presidente da Faemt, Fernando Scheffer, o Kartódromo do Parque Novo Mato Grosso tem nível para receber competições nacionais e internacionais. “É isso que a gente está precisando aqui para o Centro-Oeste, onde tem muitas pessoas que querem competir, mas precisam ir para outros estados para ter uma pista decente para treinar. Aqui será um lugar aberto e vai dar condi-

ções para um pai trazer seu filho para treinar e quem sabe no futuro teremos um piloto daqui para o mundo”, ponderou.

Além do kartódromo, o parque terá autódromo, museu, pistas de motocross, skate, ciclismo, lago para práticas esportivas, estacionamento para mais de 12 mil veículos e espaço para shows e eventos para mais de 100 mil pessoas. ●

Música pantaneira além fronteira

Cantor cacerense resgata música pantaneira e mato-grossense e a leva Brasil afora

Por Jean Gusmão

Desde a infância, Henrique Maluf esteve envolvido com a música, mesmo sem perceber que esse seria seu destino. Natural de Cáceres, o cantor e compositor cresceu em um ambiente musical diversificado, influenciado pela MPB, samba, bossa nova e pelos ritmos tradicionais da fronteira, como a polca e o rasqueado. Ao longo da carreira, já levou a música pantaneira para diversos países da América Latina e Europa, consolidando seu nome no cenário cultural.

“Quando eu nasci, já nasci musical. Mas passei boa parte da vida negando isso, sem entender o que queria ser. Quando me perguntavam, dizia que queria ser juiz ou advogado”, relembra Maluf. O despertar para a música veio aos 11 anos, quando ganhou o primeiro violão de um tio, músico profissional em Mato Grosso do Sul. Aos 14, começou a tocar na noite cacerense, recebendo pelos primeiros shows sem ainda

enxergar a música como profissão.

A formação musical de Maluf foi marcada pela diversidade. Cresceu ouvindo samba, MPB e bossa nova na casa onde sua mãe trabalhava, enquanto nos finais de semana, na casa da avó, era envolvido pelos sons da guarânia e do rasqueado. Na adolescência, foi influenciado pelo rock e formou uma banda com colegas da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), viajando por várias cidades do estado.

Aos 18 anos, mudou-se para Cuiabá com a intenção de cursar Direito. Após um breve período em Administração e História, acabou ingressando no curso de Música da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

“Sem querer, me inscrevi para Música ao invés de Direito e foi a melhor coisa que aconteceu”, conta.

Durante a graduação, venceu prêmios no Festival da Canção da UFMT, o que o levou a apresentações na Europa. Quase jubilado por causa das viagens, conseguiu concluir o curso com apoio da professora e maestrina Dorothy.

Henrique Maluf é natural de Cáceres e vive da música desde sempre



Anos depois, voltou à História, onde fez mestrado com pesquisa voltada à música pantaneira. Hoje, Maluf se destaca como um dos grandes nomes do rasqueado, gênero que representa a identidade musical de Mato Grosso.

A Revista RDM Mato Grosso S/A conversou com Henrique Maluf sobre sua trajetória e os desafios de levar a cultura mato-grossense para o mundo. Confira a entrevista completa abaixo.

RDM Mato Grosso S/A: Henrique, o rasqueado é considerado a principal identidade cultural de Mato Grosso. Você se vê como um dos principais representantes dessa tradição, levando essa bandeira com orgulho?

Henrique Maluf: É um tema muito delicado, porque você fala que o rasqueado é a música mato-grossense, a música de Mato Grosso, que representa Mato Grosso. Cara, a gente não precisa ir longe não. A gente vai a Rondonópolis, eles não têm esse sentimento. Você vai a Castanheiras, não existe esse sentimento. Imagina aí Sorriso, Sinop, Alta Floresta, Mato Grosso inteiro, Araguaia. O pessoal não tem essa identidade com o rasqueado. O rasqueado é uma manifestação cultural nossa realmente, que é fruto da influência paraguaia da polca, da guarânia, quando chega aqui encontra o cururu e o siriri, encontra também uma Cuiabá pujante culturalmente pela corrida do ouro.

Então havia muitos músicos aqui, essa mistura tão rasgada, nós temos um

“O rasqueado é uma manifestação cultural nossa realmente, que é fruto da influência paraguaia da polca, da guarânia, quando chega aqui encontra o cururu e o siriri, encontra também uma Cuiabá pujante culturalmente pela corrida do ouro”

rasqueado cuiabano, da Baixada Cuiabana, é fruto dessa mistura e é legítimo, só que é da Baixada Cuiabana, não é uma representação mato-grossense. Como eu te falei, não precisa ir longe, então, é, isso que acontece. Não é demérito nenhum, é uma verdade. Mato Grosso é um estado grande. Pegar um Pernambuco, que é um estado desse tamanho assim, a gente pode falar que o maracatu, seja o coco, seja a representação deles, porque é um estado pequenininho. Mato Grosso é maior que a França, que a Itália inteira, um estado gigantesco. Não dá para falar que o rasqueado é a cultura de Mato Grosso, mas ele é nosso. E a pesquisa que eu tenho feito ao longo dos últimos 15 anos, digamos assim, é um pouco nesse sentido.

Eu, como sou cacerense, desde pequeno ouço algumas músicas de rasqueado lá de Cáceres. E isso não chegou muito para cá, para Cuiabá, mas existe. E aí essa provocação começou a borbulhar dentro de mim. Fala: "Pera aí, porque eu ouvia canções, 'Cáceres, amor pra vida inteira', de um compositor lá". Enfim, outros rasqueados que eu ouvia desde criancinha, que não ouvia aqui, até chegou de uma forma ou outra, mas era diferente. Era muito diferente o rasqueado do Henrique e Claudinho, do João Eloi, do Pescuma, do Gilmar Fonseca, era bem diferente do que a gente ouvia enquanto rasqueado cuiabano. E aí fui para a Europa em 2010, passei quatro meses tocando lá, com o grupo Xalana de Cáceres.

Foi uma experiência incrível, sempre aprendi muito sobre música do mundo, música folclórica do mundo. Toquei, fui duas vezes com o grupo Xalana. Nós passamos muito tempo na França, passamos pela Espanha, Bélgica, Portugal, em 2010 e 2013. Fiz uma amizade muito forte com outros artistas sul-americanos, pessoal de La Paz, da Bolívia, do Chile, do Peru também. Foi quando eu me entendi também sul-americano, enquanto latinomesmo, assim, mesmo não falando espanhol. Nossa língua é portuguesa, devido à colonização. Mas eu entendi que existiam dois rasqueados.

Essa influência da polca paraguaia, da guarânia, chegou a Cuiabá, encontrou com isso o que eu falei, o cururu, o

siriri, mas ela foi adiante ainda, porque, como é que essa influência vinha? Essa influência vinha via rio, através dos rios. Tinha história de navios que saíam de Buenos Aires e atracavam em Cáceres. Cáceres é o último porto seguro, então, era o último porto dessa era mercantil através do rio. Aqui no meio da América do Sul, o rio Paraguai foi a grande comunicação com a Europa, com o Rio de Janeiro, com São Paulo, era através do rio.

Tanto cultural quanto economicamente, Cáceres foi um lugar onde teve muita exportação de charque, carne seca, pele de onça. Tem histórias de navios que saíam de Buenos Aires e traziam pianos, violinos, cristais da Europa, arte nova, tudo rolando. Vinha, trazia essas informações e voltava com charque, carne-seca, pele de poaia. Era uma grande comunicação. Essa cultura também chegou a Cáceres, essa cultura latina, essa cultura sul-americana da polca, da guarânia.

Aí você imagina, Cuiabá é uma cidade grande, cosmopolita pela corrida do ouro, e se encontra com Cáceres, a cidade pantaneira, com a economia bem baixinha, totalmente voltada à pecuária e à pesca, à poaia, à caça de animais, ao que as fazendas produziam.

Maluf já se apresentou na América Latina e Europa, promovendo a cultura de Mato Grosso



Essa cultura chega e encontra esse Pantanalzão, esse silêncio, esse regime das águas, as cheias, as secas. Essa influência chegou até Cáceres e aí ela gerou uma forma de compor, de tocar esse rasqueado também, que também é um rasqueado mato-grossense, que é diferente do rasqueado do cuiabano.

Quando voltei da Europa, eu já tinha tomado um café com Guapo, através do Marcos Levi, um trompetista que fazia faculdade junto e tocava com o Guapo. Ele já tinha, antes da Europa, me apresentado, falou: "Cara, vamos lá, dois cacerenses, tal". Aí fui tomar um café com o Guapo, depois ele me convidou para tocar na Rua do Rasqueado com ele, para tocar violão com ele. Ele falou: "Nossa, tem um rasqueado bem diferente, a sua pegada é bem legal, queria que você tocasse comigo". Falei: "Cara, vai ser a maior satisfação". E aí eu comecei a conhecer a obra do Guapo realmente. O Milton Pereira é uma figura muito emblemática na nossa cultura. E eu percebia que a música dele era diferente dessa música do rasqueado que tinha aqui, assim como a Vera Zuleica também era bem diferente. E aí eu, quando comecei a ouvir o Guapo, eu falei assim: "Cara, tem alguma coisa diferente aí". Foi quando essa provocação começou a



se entender.

Ah, pera aí, o buraco é mais embaixo. Realmente temos uma música diferente, um rasqueado diferente. Foi quando eu comecei a mergulhar nesse universo da música pantaneira. O Guapo tocou uma música chamada "Alma Pantaneira". Cara, a música é linda. "Alma Pantaneira, Amor Ribeirinho, sigo o meu caminho sem pensar na dor". Fala da solidão das cheias, fala da onça pintada, uma forma de falar do Pantanal completamente diferente da forma cuiabana, que tem muito sobre os quintais, sobre o caju, sobre os personagens e era muito mais acelerado, devido ao cururu e siriri.

E já essa lá feita por Guapo e por outros, essa música "Alma Pantaneira", é de um cara chamado Emerson Dourado, que é um cacerense que hoje mora em São Paulo, há mais de 20 anos, e é um compositor também de rasqueados, tem um disco maravilhoso chamado "A Hora Mágica", que tem muitos rasqueados lindos. Foi quando eu comecei a despertar, falei assim: "Cara, que bacana". Eu comecei a mergulhar nesse universo e hoje eu gravei um disco chamado "Primeira Coletânea de Rasqueados dos Cacerenses", onde eu reúno cinco compositores, que são o Milton

“Aqui no meio da América do Sul, o rio Paraguai foi a grande comunicação com a Europa, a grande comunicação com o Rio de Janeiro, com São Paulo, era através do rio”

Pereira, Guapo, Emerson Dourado, Adão da Harpa, um paraguaio que vive em Cáceres há 40 anos, harpista, que tem várias músicas instrumentais. Aí eu e Pescuma colocamos uma letra nessa música "Calanto Pantaneiro", e o Rouco Martins, que é um cara da nova geração, um pouco mais velho que eu, mas foi o cara que me mostrou as primeiras músicas dos primeiros rasqueados dele e foi meu grande parceiro, um grande compositor que me apresentou canções maravilhosas. Temos a parceria incrível até hoje.

Temos aí o resultado da minha pes-

quisa, do disco e do meu mestrado, que é desde 1984 até 2022. Eu busco a obra do Guapo como referência, 50 anos de trabalho. O Guapo é um cara que deu passos muito importantes para nossa cultura e foi quando resultou nisso, em um trabalho de pesquisa acadêmica, que é o meu mestrado. E tem tomado o reconhecimento desses nossos figurões da música mato-grossense, Vera Zuleica, Vera Capilé, o próprio Pescuma, Henrique e Claudinho. Eles gravaram comigo no meu disco. O trabalho está primoroso. Henrique, é bem diferente. Uma das canções ganhou um prêmio agora em 2024, que é o prêmio Mato Grosso das Artes. No Segundo Mato Grosso das Artes, uma das canções foi premiada também na categoria música. Então, tem tomado uma proporção que merece. Não que eu mereça, mas que a música pantaneira merece, que esses compositores merecem. Foi essa grande questão que me tocou e tem tomado meu tempo.

RDM Mato Grosso S/A: Henrique, quais são os maiores desafios que você enfrenta ao manter o rasqueado vivo e presente em Mato Grosso?

Henrique Maluf: Expandir essa cultura e mostrar para Mato Grosso que existem outras formas de compor. Primeiramente, aqui pela Baixada, o que esses caras, todos eles, fazem há muitos anos é muito rico, muito legítimo, é mato-grossense. O que Roberto Lucialdo, Pescuma, Henrique Claudinho, Gilmar Fonseca, João Eloy fazem é incrível. Mas nós precisamos de novas pessoas, de novos artistas, e eu entendo que a nova geração não tem essa provocação.

Tem o Lambadão, que não para de crescer. Lambadão tem bandas incríveis, tanto as mais antigas, que estão ativas até hoje, como a Banda Signos, os Maninhos, os Ciganos, Scort Som, Real Som. Esses caras estão aí até hoje. Scort Som, quando eu posso, eu vou assistir. Banda Signos, eu adoro! Aquele guitarrista, aquele baterista, os caras tocam demais!

Existe a nova geração, como os Federais, Novo Som, Banda Calorosa, que hoje mistura o lambadão com a música pop e com a música eletrônica. Existe o lambadão, e Paulo Monarco também tem feito isso, misturando o lambadão com uma linguagem mais modernizada. O lambadão deu esse

suspiro, mas o rasqueado não.

O desafio principal é este: levar o rasqueado. A formatação, a direção musical, os arranjos de Joelson Conceição, que é um supermúsico, que tem feito os arranjos dos discos e DVDs, são essenciais. O objetivo é ampliar essa plateia e mostrar que tem algo novo.

O rasqueado que faço, além de ser um rasqueado pantaneiro, mais a grosso modo, em português mais simples, é mais lento, com a poética mais ligada à terra e ao Pantanal. Só que trazemos uma sofisticação, e é aí que entra a nova geração, o que chamamos de World Music.

Quando você fala World Music, o mundo inteiro vai entender, não literalmente ao pé da palavra, mas significa pegar algo regionalizado, como o rasqueado, e dar a ele uma roupagem universal. Quando você mistura a viola de cocho com instrumentos étnicos, mistura cultura popular com uma linguagem universal. Também trazemos isso no folclore, com grupos como o Xalana e o Flor Serrana, que trazem essa sofisticação, misturando o tradicional com a modernidade. O desafio é este: ampliar para novos públicos, e eu tenho conseguido dar curtos, mas bons passos.

RDM Mato Grosso S/A: Henrique, você acredita que, atualmente, a valorização da nossa cultura está falhando e que ainda falta uma maior atenção ao que é genuinamente nosso?

Henrique Maluf: A pandemia foi um grande ponto negativo no mundo, mas a cultura teve um projeto nacional, que foi a Lei Aldir Blanc. O Aldir Blanc faleceu de Covid, que é um grande compositor. Eu já ganhei vários festivais interpretando canções do Aldir Blanc, por exemplo. Ele e João Bosco são caras fantásticos.

A Lei Aldir Blanc nasceu como uma medida emergencial. Eu, enquanto músico, quando veio a pandemia, parei de tocar. Quem iria sobreviver? E essa é a realidade de muitos artistas, não só da música, mas também do teatro, da dança, das artes plásticas. A gente teve muita gente passando fome.

A Lei Aldir Blanc, nesse sentido, foi fundamental, pois foi um grande escoamento para nós, artistas, para que pudéssemos produzir e receber por

“Expandir essa cultura e mostrar para o Mato Grosso que existem outras formas de compor. Primeiramente, aqui pela Baixada, o que esses caras, todos eles, fazem há muitos anos é muito rico, muito legítimo, é mato-grossense”

isso. O meu disco, por exemplo, foi fruto da Aldir Blanc, que gravei através da Lei de Incentivo Nacional, que passou pela estadual, através da Secretaria de Cultura e Esporte de Mato Grosso, e pela municipal também, de Cuiabá e outros municípios.

Muita gente pôde produzir. Então, houve um boom muito grande de produções, muitos grupos surgiram. A própria Banda Calorosa foi um projeto que também se beneficiou dessa lei e foi tomando suas devidas proporções. E agora voltou novamente a lei, então existe o aparato do governo.

O aparato do governo é muito importante, mas a crítica que faço é que, por mais que o Estado tenha o aparato financeiro e tente facilitar ao máximo isso, tentando democratizar ao máximo para que o maior número de artistas participe, tem gente que toca na periferia, que toca teclado, e canta sozinho, que não sabe nem ler. Imagina escrever um edital, um edital específico, passar por um edital público, que existe um critério alto de exigência, de avaliação. Então, acho que deveríamos pensar em formas de diluir mais esse recurso para que ele chegue na ponta.

Esses caras do lambadão, os mais antigos, são incríveis. Eu produzi muita coisa durante a pandemia, para o governo, para o Cine Teatro, convite deles, e produzi aqui. Eu trouxe, por exemplo, o Scort Som. O Scort Som era um dos maiores nomes e eu os trouxe para o teatro para fazer uma apresentação em lives culturais. Os caras eram supertí-



midos, não se misturaram, mas tentamos ao máximo fazer com que se sentissem à vontade.

Como falei, eles estão acostumados a estar sempre nas cabeças, ali, mas imagina, cara, esse povão mesmo, o músico que está lá na periferia, no Osmar Cabral, no Pedra 90, em Cotriguaçu, em Colniza, na ponta do estado. Tem talentos e não estão sendo vistos. Isso é algo que o estado tem tentado.

RDM Mato Grosso S/A: Henrique, o que é necessário para que os incentivos públicos cheguem até esses artistas e realmente façam a diferença?

Henrique Maluf: Eu não sou alecrim dourado, não estou com essa resposta, mas eu acredito que tinha que espalhar mais esse recurso. Acho que o governo tinha que montar uma equipe aí, sei lá, de quantas pessoas, para chegar nessa pessoa. Suponhamos que você seja o Estado e eu seja esse cara que toca lá na periferia. O Estado precisa chegar em mim aqui. Não precisa ir até ele, eu não vou chegar no Estado.

Eu estou falando isso porque eu vivi isso na pele. Eu consegui algumas cestas básicas durante a pandemia do governo do estado para a classe musical e, cara, na minha casa ali virou um pon-



**Henrique Maluf
cresceu em um
ambiente musical
diversificado**

to. Os caras me ligavam depois: "Ô, acabou a cesta básica aqui". Eu fui pegar a assinatura, precisava do nome completo, RG, CPF. Os caras mandavam foto do documento para mim. E eu, para facilitar, falava assim: "Não, me manda escrito qual é seu RG". E o cara mandava áudio.

"Ah, eu não sei escrever, cara. Preciso que assine aqui o papel". Entregava a cesta básica, e o cara não sabia assinar o nome dele. Como é que o cara vai fazer um edital? O Estado tem que chegar nesse cara, não esse cara no Estado. Precisa de alguém do Estado para auxiliar essa pessoa. Sei lá como, não sei como. Talvez montar uma equipe realmente grande, e isso ia aumentando mais até chegar nessa pessoa. Um cara desse tocanum bar lá na periferia das 8 horas às 4 horas da manhã, para às vezes ganhar R\$ 80, R\$ 100, e é o que fazem a vida inteira. Ele não é artista? Ele é, tanto quanto eu. Esse cara precisa desse dinheiro mais do que eu. Então, precisa chegar lá. O Estado tem feito as medidas que pode, mas é um trabalho difícil.

RDM Mato Grosso S/A: Henrique, de que maneira as redes sociais, os festivais e os projetos culturais ajudam na divulgação e fortalecimento da

“O rasqueado que faço, além de ser um rasqueado pantaneiro, mais a grosso modo, em português mais simples, é mais lento, com a poética mais ligada à terra e ao Pantanal”

música e da cultura local?

Henrique Maluf: A rede social é a grande ferramenta para todo mundo hoje, isso é inegável. A transformação é gigante. Por exemplo, um disco hoje, é relevante, um disco físico, vendas de cópias, Zezé Di Camargo, Chico Buarque, foram discos de platina, de diamante, de ouro. Os caras não vendem mais disco. Até a forma de consumir a música, a arte, se transformou. Então, a rede social, esses festivais culturais, são um grande mecanismo hoje em diversas esferas. Vamos dar um exemplo: o Festi-

val de Lambadão, um festival de samba, um festival da canção, uma live, um festival cultura em casa, por exemplo, durante a pandemia. São ferramentas que permitem que o artista aumente sua visibilidade, porque hoje ela é virtual.

Estar presente em shows, por exemplo, hoje, é muito mais fácil para um artista que tem milhares de visualizações no YouTube conseguir um espaço em um grande festival do que para um artista que tem grandes produções, produtos culturais bem feitos, bem gravados. Um produto cultural legítimo alcançar esse lugar. Às vezes, a produção que eu tenho não vai ter um espaço, porque um cara que tem, sei lá, quantos milhões de visualizações, que pode ter produzido uma coisa no celular ali e bum. É legítimo? É, mas são meios diferentes. Mas a produção que eu faço também precisa ser alcançada via digital, não tem outro caminho.

RDM Mato Grosso S/A: Henrique, sua música tem um grande potencial de alcance, não é? Como você pensa em levar o rasqueado para outros lugares, incluindo fora do Brasil, como já fez em suas apresentações na Europa?

Henrique Maluf: Hoje, o assunto que vamos tratar é a internet. Ela não tem fim, é infinita. A internet não tem um limite. Ela só cresce, cresce e cresce.

O que essas pessoas, essas influências que você mencionou fizeram? Elas pegaram essa produtora e usaram os influenciadores para alcançar um público, mas não escolheram influenciadores aleatórios. Por exemplo, não buscaram um corretor de imóveis, alguém que vende muitas casas. Não. Elas selecionaram pessoas do nicho do funk. Foram atrás de influenciadores do funk. No máximo, podem ter incluído um ator que não faz parte desse meio para ampliar o público, mas, no geral, a estratégia foi focada no nicho.

Tudo hoje é nicho. Eu, por exemplo, não faço ideia de quem seja MC Cabelinho. Acho que já o vi na televisão, mas, se o encontrasse no aeroporto, talvez nem o reconhecesse. Nem sei se ele ainda está super hypado ou se já há outro nome em destaque. Mas, de qualquer forma, isso é nicho.

Eu entendo que a minha música, a minha arte, o que tenho produzido e

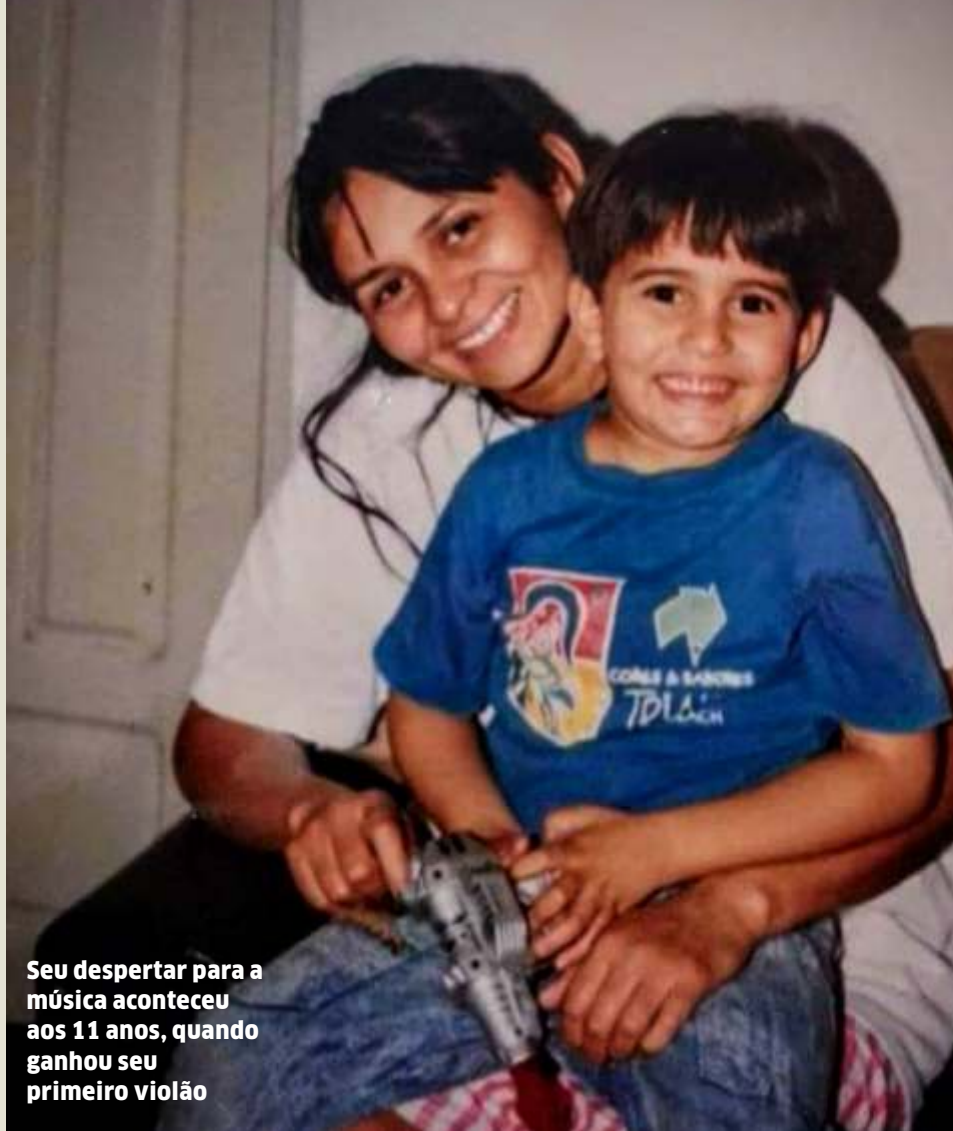
proposto, também faz parte de um nicho. Não é um nicho regional, apesar da temática ser regionalizada. Mas, como mencionei agora há pouco, é World Music. É um trabalho para estar em salas de teatro, em circuitos do Sesc, em festivais nacionais e internacionais. Porque é bem produzido, tem um conceito. Não é apenas uma forma de tocar, mas uma forma de pensar. Os arranjos seguem essa linha. Quando você ouve, percebe clarinete, xilofone, instrumentos típicos misturados – é uma música globalizada.

Então, existe um espaço para isso. O difícil é chegar a esses lugares. Já participei de eventos como a Feira do Empreendedor, do Sebrae, e toquei no Sesc Arsenal no aniversário de Cuiabá. Já me apresentei fora do país e gravei um DVD ao vivo em La Paz, com casa cheia. Durante esse show, expliquei ao público que essa música representa um Brasil diferente – um Brasil que não é só samba, não é só futebol, não é só funk. É um Mato Grosso que não se resume ao rasqueado cuiabano. O público gostou.

Depois disso, recebi um convite para me apresentar na Expocruz, a maior feira multisetorial da América Latina. O evento é enorme, parece uma cidade dentro de Santa Cruz de la Sierra. Foi impressionante. No show, fiz uma mistura: comecei com música pantaneira, toquei um pouco de samba e forró, passei por outros estilos brasileiros e finalizei novamente com a música pantaneira. O público adorou.

No final, dei entrevistas e as pessoas perguntaram: "O Pantanal existe na Bolívia também?" Respondi que sim, que o Pantanal tem uma parte boliviana chamada Chaco, além de se estender pelo Paraguai e pelo Brasil. Na verdade, em Mato Grosso, temos apenas uma pequena porção do Pantanal. A maior parte está em Mato Grosso do Sul, na Bolívia e no Paraguai.

Hoje, o maior nome da música pantaneira, tanto nacional quanto internacionalmente, é Almir Sater. Outros grandes artistas como Renato Teixeira, Tetê Espíndola e Pescuma também levaram essa música para o Brasil e para o exterior. Vera e Zuleika já se apresentaram fora do país. O próprio Guapo já tocou nos Estados Unidos, em Washington.



Seu despertar para a música aconteceu aos 11 anos, quando ganhou seu primeiro violão

“O aparato do governo é muito importante, mas a crítica que faço é que, por mais que o Estado tenha o aparato financeiro e tente facilitar ao máximo isso, tentando democratizar ao máximo para que o maior número de artistas participe, tem gente que toca na periferia, que toca teclado, e canta sozinho, que não sabe nem ler. Imagina escrever um edital, um edital específico, passar por um edital público, que existe um critério alto de exigência, de avaliação”

Na nova geração, o nome que mais despontou foi Gabriel Sater, não apenas pelo sobrenome, mas pelo talento e pela visibilidade que ganhou ao participar de uma novela. Ele tem 1 milhão de seguidores e é um músico incrível. Quando eu estava indo para La Paz, meu produtor e minha banda, que usavam camisas com o nome "Henrique Maluf – Fronteira Pantaneira", cruzaram com ele no aeroporto. Ele viu e comentou: "Gostei desse nome, Fronteira Pantaneira. O que vocês tocam?". Meu produtor explicou que tocávamos música pantaneira, algo semelhante ao trabalho dele. Ele achou interessante e disse que precisávamos nos encontrar.

Minha ideia é gravar um clipe com ele, levar uma música minha para fazermos um feat, algo que mostre as novas gerações. O Gabriel tem 40 anos, não 20. Eu tenho 38, não 18. Ele construiu a trajetória dele pelo talento, não apenas por ser filho do Almir Sater. Ele é um superviolão, um excelente cantor e tem trilhado um caminho importante na



“Hoje, o maior nome da música pantaneira, tanto nacional quanto internacionalmente, é Almir Sater. Outros grandes artistas, como Renato Teixeira, Tetê Espíndola e Pescuma também levaram essa música para o Brasil e para o exterior. Vera e Zuleika já se apresentaram fora do país. O próprio Guapo já tocou nos Estados Unidos, em Washington”

música.

Agora, recebi um convite para tocar nosso rasqueado bem longe. Ainda não posso divulgar, mas, quando tudo estiver certo, quero que saia na RDM: "Henrique Maluf levando o rasqueado para tal lugar". São pequenos passos, mas estamos avançando.

Desde 2022, quando lancei o disco, são menos de três anos de trabalho. Já realizamos um DVD ao vivo em La Paz e três shows internacionais – dois em Santa Cruz e um em La Paz.

Fizemos um concerto com a Orquestra do Sesc no Parque das Águas, um evento muito especial. Também tivemos um concerto com a Orquestra Ciranda e a Orquestra Sinfônica, com teatro lotado. Gravamos esse show ao vivo e vamos lançá-lo agora em março, após o Carnaval. Espero que a RDM possa nos dar esse espaço, será uma grande honra.

Em 2025, temos uma perspectiva muito boa de rodar esse show ainda mais, tanto nacional quanto internacionalmente. Aos poucos, estamos firmando a música pantaneira como referência. As pessoas vão olhar para Mato Grosso e lembrar que essa música existe, que está sendo tocada em diversos lugares.

O problema é que quase não ouvimos falar sobre música pantaneira e rasqueado. Não há muito destaque para isso. Mas eu não vejo esse trabalho apenas como uma oportunidade de negócio. Sim, é um trabalho, mas, para mim, é uma missão de vida.

Levar essa música adiante é a minha vocação. Esse disco é como um mestra-

do para mim, algo em que tenho me dedicado culturalmente. Sou pantaneiro, sou cacerense, vivi essa realidade desde a infância, mesmo sem entender na época. Hoje, percebo que tudo isso faz parte da minha identidade.

Minha avó e minha bisavó eram indígenas, minha avó era negra, e minha família é uma mistura de bolivianos, cacerenses e brasileiros. Tenho tios que são bugres retintos, vivi isso na pele, literalmente. Já do lado paterno, tenho descendência libanesa, sou Maluf. Essa mistura me dá ainda mais vontade de ajudar a salvaguardar essa cultura, não só o Pantanal enquanto bioma, mas também enquanto identidade cultural.

Falávamos no bastidor sobre a situação do Pantanal. Sendo bem generoso, podemos imaginar que o Pantanal talvez não dure mais de 50 anos. Nos últimos anos, perdeu 30% de seu território por conta das queimadas – sejam naturais ou provocadas. Isso significa que 30% do Pantanal mato-grossense já desapareceu.

É muita coisa. Estamos caminhando para o desaparecimento desse bioma. Então, mais do que nunca, preservar a cultura pantaneira também é preservar o próprio Pantanal.

RDM Mato Grosso S/A: Henrique, agora falando sobre inspiração, quem são seus ídolos? Você já mencionou algumas referências, como Guapo, mas quais são os nomes que mais te influenciam, tanto no cenário nacional, internacional, quanto local?

Henrique Maluf: Nós falávamos também nos bastidores sobre o que eu toco. Eu toco muita coisa. Essa pergunta eu respondo fácil para você: minhas três maiores influências – sem ordem de preferência, porque todos ocupam o primeiro lugar para mim – são Milton Nascimento, João Bosco e Pink Floyd.

A poética do Milton me inspira profundamente. Ele é, sem dúvida, um dos artistas mais sensíveis da música mundial, um dos maiores cantores e poetas que já existiram. A história do Clube da Esquina, o movimento que ele ajudou a criar, e seus parceiros musicais são simplesmente impressionantes.

João Bosco é, para mim, o músico mais inspirador. Sua forma de cantar e tocar é única. Só existe um João Bosco no mundo. Ele tem uma assinatura inconfundível, seja no violão ou na interpretação vocal. Já participei de muitos festivais cantando suas músicas – e ganhei muitos deles. Inclusive, houve um tempo em que eu tocava mais samba na noite, e algumas pessoas chegaram a me chamar de "o João Bosco cuiabano".

E o Pink Floyd, cara... Eu sou guitarrista, e na adolescência fui tomado pelo rock. O Pink Floyd representa experimentação, inovação. Esses três que mencionei são singulares. Se você ouve João Bosco, sabe que é ele. Se ouve Milton Nascimento, não há dúvidas. E se escuta uma guitarra do Pink Floyd, reconhece na hora.

Além deles, tenho muitas outras influências. Mato Grosso me inspira muito – Guapo, Vera e Zuleika, Pescuma, Capilé. Djavan, Cesária Évora, Salif Keita, Inti-Illimani... São artistas do mundo todo que me inspiram de diferentes formas.

RDM Mato Grosso S/A: Henrique, trazendo isso um pouco mais para o nosso lado aqui do RDM, o que te inspira a pegar o violão, a viola e sair cantando e dançando?

Henrique Maluf: Eu tenho momentos com a música em que ela se encaixa perfeitamente em determinadas situações. Por exemplo, se eu for limpar a casa ou lavar a louça, gosto de ouvir algo mais animado. Nessas horas, coloco Seu Jorge, porque tem uma energia contagiante.

Agora, quando quero tomar um vinho, comer uma massa, algo mais tranquilo e introspectivo, escolho outro tipo de música. Gosto muito de ouvir música latina e africana. Mercedes Sosa, Violeta Parra, Inti-Illimani, Cesária Évora e Salif Keita são alguns dos artistas que mais gosto nesses momentos.

RDM Mato Grosso S/A: Henrique, hoje você vive exclusivamente da música ou também realiza outras atividades além dela?

Henrique Maluf: Sou artista, sempre fui. Sou formado em Música e fiz mestrado em História. Passei no concurso da prefeitura para professor de Artes, então atuo como professor e também com projetos culturais pela Secretaria de Cultura do município. Trabalho com escrita, gestão e produção de projetos culturais.

Faço parte do Instituto Realize, que desenvolve projetos sociais, esportivos e culturais. Lá, também sou responsável pela escrita, gestão e produção dos projetos. Meu tempo está bem dividido entre a gestão e produção cultural, minha atuação artística e a música.

Quando surgiu a oportunidade de atuar mais com produção e gestão cultural, precisei virar um pouco a chave. Antes, tocava muito na noite, em bares, mas reduzi essa frequência para me dedicar às demandas culturais e ao meu trabalho autoral, que é voltado para a música pantaneira.

Além do trabalho autoral, atuo em eventos corporativos, casamentos e formaturas com um projeto chamado Serrado Groove, que é meu e do Manuel, da Lira Produções. Nossa banda toca Black Music em casamentos e eventos, com repertório que inclui Seu Jorge, Tim Maia, Bruno Mars, Michael Jackson, Coldplay, Maroon 5, Daft Punk, além de rock nacional e internacional. O show dura de 1h30 a 2h e tem um visual bem marcante: terninho, camiseta branca, tênis branco, passinhos ensaiados, interação com o público e instrumentos de sopro para animar a plateia.

Atualmente, minhas frentes de trabalho são o Instituto e as demandas culturais, meu trabalho autoral com a música pantaneira (meu carro-chefe) e o Serrado Groove, voltado para eventos corporativos.

RDM Mato Grosso S/A: Henrique, hoje dá para viver em Cuiabá só da música? Há uma valorização dos contratantes?

Henrique Maluf: Não é fácil viver de música sem uma valorização real dos contratantes. Os cachês e as condições

Hoje, Maluf é um dos grandes nomes do rasqueado, representando a identidade musical de Mato Grosso

“O problema é que quase não ouvimos falar sobre música pantaneira e rasqueado. Não há muito destaque para isso. Mas eu não vejo esse trabalho apenas como uma oportunidade de negócio. Sim, é um trabalho, mas, para mim, é uma missão de vida”

de trabalho muitas vezes se chocam com a realidade do custo de vida. A gente sempre vai atrás de algo melhor, mas, na prática, a valorização ainda é muito limitada.

O cachê para tocar em um barzinho varia entre R\$ 150 e R\$ 250, com raras exceções que chegam a R\$ 300. Isso vale para todos os gêneros, do sertanejo ao rock, do samba ao MPB. O problema é que esse valor se mantém o mesmo há mais de 10 anos, sem reajuste. Então, mesmo quando um local "valoriza" o músico, essa valorização ainda está dentro de um piso que já é baixo.

Falando por mim: eu tocava de terça a domingo, o que permitia levantar um dinheiro, mas a rotina era exaustiva.



Sair de casa às 16h e voltar às 4h da manhã era comum. O baixista que mencionamos antes é um exemplo clássico. Ele toca em todas as bandas de Cuiabá, de sertanejo a pagode, de samba a rock. Muitas vezes, faz quatro apresentações no mesmo dia.

Já aconteceu de eu terminar um show com ele às 2h da manhã e ele dizer: "Preciso correr, porque tenho um horário às 4h da manhã com uma dupla sertaneja".

Dá para viver de música? Sim. Mas é preciso encarar a realidade e entender como se adaptar. A grande verdade é que para ter um fluxo de caixa razoável, você precisa tocar muito. E o mais irônico? Um show de duas horas rende R\$ 200... exatamente o preço de um jogo de cordas do meu violão.

RDM Mato Grosso S/A: Henrique, você acredita que ser músico e artista é uma questão de dom ou de dedicação?

Henrique Maluf: É, respondendo à mesma pergunta anterior: depende de onde você quer chegar. Depende do que você quer. Você quer tocar violão na rodinha para os seus amigos no final de semana? Legal. Você quer vender um show caro? Um show de R\$ 20.000, R\$ 30.000? Um show de R\$ 100.000? Você quer ser um Gustavo Lima?

O Gustavo Lima teve o quê? Sorte. Mas depois ele aprimorou o talento dele. Ele fez um tchê tchê rê tchê e teve sorte? Sim. Mas está onde está hoje porque se dedicou, porque estudou. Estamos falando de sertanejo porque existem milhões de exemplos de duplas e artistas que estouraram com uma música só. O cara fez um tchê tchê rê tchê, bum! Sumiu. Por quê? Porque não se dedicou, não estudou.

Em todos os níveis — do músico que toca no barzinho por R\$ 150 ao que quer dar um passo além — o estudo é essencial. O dom, obviamente, é um privilégio de Deus. Ter o dom da música é uma bênção. Para quem é músico, é uma alegria pegar um instrumento e transformá-lo em música, proporcionando um bom momento, uma reflexão, uma lembrança da infância, da avó, das origens. Música pode fazer rir, chorar. Olha que privilégio o meu, enquanto artista, poder proporcionar isso.

Mas a grande questão é: de que

forma você encara isso? E, como eu disse, não existe melhor ou pior. A música não diz se você é bom ou ruim. O que determina isso é o mercado. Então, aonde você quer chegar?

Eu, de verdade, me considero um músico mediano. Apesar de ser versátil e ter um bom currículo, eu entendi que preciso compreender mais sobre o mercado e sobre a ferramenta cultural em torno da música. Os músicos que tocam comigo são excelentes. Eu ando muito bem acompanhado, mais do que sendo um excelente músico individualmente.

O baterista sempre me diz:— Ei,

“Sou artista, sempre fui. Sou formado em Música e fiz mestrado em História. Passei no concurso da prefeitura para professor de Artes, então atuo como professor e também com projetos culturais pela Secretaria de Cultura do município. Trabalho com escrita, gestão e produção de projetos culturais”

maluco, você é um cara de sorte.

E eu sou mesmo. Por exemplo, fiz faculdade de Música, mas meu mestrado não foi em Música. Foi em História Cultural.

Porque eu olho para a música de forma antropológica, social. Eu a vejo como um acontecimento cultural, não apenas como um fim em si. Quando entrei na faculdade, achei que me tornaria um Jimi Hendrix, um superguitarrista. Mas meu caminho foi outro.

Na faculdade, vi músicos extraordinários. Pianistas, violonistas, gente capaz de tocar em qualquer orquestra do mundo. Eu não cheguei nesse nível porque me dediquei a outras áreas dentro da música e da arte. Mas uma coisa é certa: se você não estudar, não avança.

Existe um limite técnico. Tocar não é

só inspiração. Existe técnica. Eu estudei até um certo ponto, até conseguir executar coisas legais, mas depois me dediquei a outras áreas dentro da cultura e da música.

Gestão, produção, entender mecanismos de viabilização. Porque não basta simplesmente dizer:— Olha que show legal, vamos levá-lo para fora do Brasil. Não. Para isso, existe um mecanismo.

Esse mecanismo envolve o aparato estatal. É preciso entender como ele funciona, como buscar apoio, como levar um show para o exterior. Por isso, estou buscando suporte do Ministério da Cultura para essa viagem que vamos divulgar em breve. As políticas públicas culturais são fundamentais. Elas são tão necessárias quanto as políticas de moradia, sociais e educacionais.

A economia criativa não se resume a subir no palco e tocar. Envolve o carregador de instrumentos, o técnico de som, o iluminador, a empresa que aluga os equipamentos, o teatro, o vendedor ambulante, até quem cata latinhas no evento.

Por isso eu disse: entretenimento é 5% do PIB. É muita coisa. É uma cadeia enorme. E acho que todo músico deveria entender esse mecanismo. Porque isso pode fazer uma diferença enorme. Para mim, tem feito.

RDM Mato Grosso S/A: Henrique, para finalizar, que mensagem você gostaria de deixar? Fique à vontade para falar sobre seus projetos ou qualquer outro assunto que queira compartilhar.

Henrique Maluf: @henriquemalufe no Instagram, no YouTube. Brincadeiras à parte, no YouTube tem muito material que eu publiquei. Tem vídeos, tem DVD, tem ao vivo em LaPaz, DVD com qualquer sinfônica, tem várias produções lá, tem pocket show, tem de tudo. Vamos lá, compartilhem, curtam, marquem no Instagram, no Facebook, isso é muito importante para o artista independente, assim como eu. Então, quero dizer que a música pantaneira também tem um suspiro. A cultura pantaneira tem um suspiro na produção que eu tenho feito, e quero contribuir de uma forma para que nosso Pantanal ainda tenha vida cultural e vida enquanto bioma também. ●

Teatro da Galeria do Pádua

Cuiabá ganha novo espaço cultural com a inauguração que aconteceu no dia 15 de março

Da Redação

Um novo capítulo se inicia para a Galeria do Pádua. E, sobretudo, para a mente inquieta que a idealizou. O artista Antônio de Pádua Nobre celebra a concretização de um sonho cultivado há mais de 35 anos: a inauguração de seu teatro. Desde a cerimônia de lançamento da pedra fundamental, esse momento foi ansiado e trabalhado com determinação.

Quem passa apressado pela movimentada avenida Miguel Sutil talvez não perceba a revolução silenciosa que aconteceu ali. No pavimento superior da mais singular galeria de arte de Mato Grosso, Pádua ergueu um teatro com 280 lugares, que promete se tornar um dos espaços culturais mais frequentados da cidade. A inauguração aconteceu no dia 15 de março.

“Celebramos a pedra fundamental, a primeira laje, a segunda, a galeria, o quintal da galeria. E chegamos ao topo. O tempo todo eu trabalhava com essa ideia de chegar a esse ponto, de atingir o teatro. E agora, chegamos. Quero que

essa casa seja tal qual o Taj Mahal”, brinca. “Vai ser assim: se alguém vier para Cuiabá e não visitar a Galeria do Pádua, vai ser como ir à Roma e não ver o papa”.

As palavras vêm com a serenidade de quem trilhou um longo caminho. Imigrante nordestino, Pádua chegou a Cuiabá há 42 anos e, desde então, consolidou um legado. Seu primeiro espaço criativo foi na avenida Getúlio Vargas. Hoje, a Galeria do Pádua é um patrimônio cultural da cidade, tendo sido palco de incontáveis eventos e exposições que impactaram diversas gerações.

“Esse processo todo começa quando saio da faculdade no Rio de Janeiro e venho para Cuiabá. Cheguei aqui e disse: 'vou construir um centro de cultura'. Nessa época, não tinha recurso, só uma ideia na cabeça. Mas eu tinha a ideia fixa e acredito muito nisso de sonho. Fui servo dele. Acordava cedo, tomava banho, tomava café e começava a trabalhar.”

Além de um centro cultural, a galeria abriga o ateliê de Pádua. Referência

nacional nas artes plásticas, o escultor recebe encomendas de diversas partes do país e do mundo. Foi com muito trabalho que ergueu e manteve o espaço, onde também expõe permanentemente suas obras. Cada detalhe da galeria é uma extensão de sua arte, das paredes ornamentadas ao primeiro pavimento, que abriga uma exposição ainda mais grandiosa.

Ao subir as escadas que levam ao teatro, a arte se faz presente nos mínimos detalhes. O corrimão, por exemplo, é adornado por um “tecido” de concreto, uma criação única de Pádua, moldada à mão. No interior do teatro, o impacto visual é imediato: teto, janelas, cadeiras - tudo reflete a singularidade do artista.

“Precisa de um pouco de coragem”, sorri. “Além de ser alto, a dinâmica, a estética, essas coisas todas, esbarram também nos valores. Gesso, madeira, tudo tem um preço exorbitante e fora que a gente sai da mesmice. Pensei, 'vamos criar algo diferente'. Então, o teto é com fibra e armação metálica de ferro, são placas removíveis. E as cadeiras,





eram muito caras, então, fizemos uma por uma. Para climatizar, tem que fechar. Mas fechar com o quê? Posso fazer uma caixa preta como os teatros costumam ser, mas eu precisava ver o Parque Mãe Bonifácia. Então, fizemos as janelas e completamos com mosaico de espelhos.”

A concepção arquitetônica do espaço teve a colaboração dos arquitetos Osman Pierre Junior e Elvira Xavier, que transformaram a visão de Pádua em realidade. A estrutura, do alicerce ao pináculo, foi construída com o auxílio de uma empresa especializada. Além do teatro, o projeto inclui um mirante com vista para o Parque Mãe Bonifácia, reforçando a integração do espaço com a paisagem urbana.

Quando questionado sobre o estilo arquitetônico do prédio, Pádua compartilha uma curiosa associação:

“Eu fui a Barcelona e acho que tem tudo a ver. Ele desmontou aquela mesmice e começou a botar umas coisas por cima. Tem muito mosaico também. E então eu pensei, 'sim, parece muito com Gaudí'. Já me chamaram de Gaudí do Cerrado, Gaudí Tupiniquim”, se diverte. “Mas a minha realidade é completamente diferente da dele. É um homem rico, numa cidade rica, próspera, pujante. Já eu, sou um migrante nordestino que saiu de Quixeramobim (CE), carregando um sonho.”

A sustentabilidade também faz parte da essência de seu trabalho. A reutilização de materiais é um princípio que permeia suas criações.

“Uso ferro, já usei sucata, vidro quebrado, caco de cerâmica, de espelhos... Eu acho lindo de noite, quando refletem as luzes dos faróis dos carros.”

Agora, com o teatro pronto, a Galeria do Pádua se reinventa mais uma vez, reafirmando sua posição como um dos principais centros culturais de Mato Grosso. Para Pádua, é mais do que um prédio — é um testemunho vivo do poder dos sonhos e da persistência. ●



“Celebramos a pedra fundamental, a primeira laje, a segunda, a galeria, o quintal da galeria. E chegamos ao topo. O tempo todo eu trabalhava com essa ideia de chegar a esse ponto, de atingir o teatro. E agora, chegamos. Quero que essa casa seja tal qual o Taj Mahal”

Os Orcs tomaram conta do shopping

Uma jornada épica: Orcs em tamanho real encantam o público no Goiabeiras Shopping

Da Redação

Imponentes e ultrarrealistas, as esculturas gigantes da exposição “Orcs – Uma jornada épica” já estão encantando o público na Praça de Eventos, no térreo do shopping. A mostra segue até o dia 27 de abril, oferecendo uma experiência única e gratuita para crianças, jovens e adultos.

Segundo o gerente de Marketing do Goiabeiras Shopping, Luan Vasconcelos, a exposição traz um diferencial para o empreendimento e para Cuiabá.

“A exposição dos Orcs, que fazem parte da ficção e do imaginário de muitas pessoas, traz personagens inéditos em tamanho real. É um diferencial proporcionar essa experiência aos nossos clientes e frequentadores”, destaca Luan.

Além das esculturas, a mostra conta com um espaço kids, onde as crianças podem se divertir com boliche medieval, arco e flecha e uma mesa de colorir com ilustrações temáticas. As atividades são gratuitas, mas exigem inscrição prévia no site do shopping: www.goia-beirasshopping.com.br.

PERSONALIDADE E HABILIDADES

Cada Orc exposto tem sua própria história, personalidade e habilidades únicas. O público pode conhecer:

- Dahkgrom – O maior comilão da tribo, sempre faminto e pronto para caçar grandes animais para um churras-



co medieval.

- Drakdah – A única fêmea do grupo, uma guerreira forte e sábia, que se transforma em uma fera quando precisa proteger seu bebê gigante.

- Thak – O pequeno Orquinho da tribo, que se diverte com brincadeiras e já demonstra força e valentia desde cedo.

- Gulgash – O líder gigantesco, forte e poderoso, responsável por proteger todos contra ameaças externas.

- Dadur – O elemento surpresa do grupo, um Orc sorrateiro, que se esconde e se movimenta sem ser percebido, sempre pronto para um ataque inesperado. ●

SERVIÇO

■ Exposição “Orcs – Uma jornada épica”

■ Até 27 de abril

■ Segunda a sábado: 10h às 22h | Domingos: 11h às 22h

■ Local: Praça de Eventos, térreo do Goiabeiras Shopping, Cuiabá

■ Entrada gratuita

Três estudantes da rede estadual são eleitos para o Parlamento Juvenil do Mercosul

Escolhidos na internet por voto popular, eles defenderam soluções globais para mudanças climáticas



Agora, eles concorrem à etapa nacional e, se classificados, vão para a etapa internacional, em Foz do Iguaçu, de 11 a 13 de agosto

Da Redação

Três estudantes da Rede Estadual de Ensino foram eleitos no pleito do Parlamento Juvenil do Mercosul (PJM) e foram classificados para representar Mato Grosso na etapa nacional, em Brasília (DF), de 26 a 30 de maio. A votação ocorreu pela internet com os próprios candidatos fazendo campanha aos amigos e familiares.

Os mais votados ganharam de acordo com o seu projeto e vídeo de campanha 2025: “A integração regional e as mudanças climáticas”. A votação ocorreu pela internet.

Em 1º lugar, com o projeto “Juventude e Sustentabilidade: Iniciativas locais para mudanças globais”, João Manoel Bolognani, da Escola Estadual Mario Spinelli, em Pontes e Lacerda, contabilizando 643 votos.

Em seguida, foram classificados

Wellita Caroline de Almeida, da Escola Estadual Júlio Muller, em Barra do Bugres, com o projeto “Plantando para o Futuro: A integração regional e as mudanças climáticas”, com 456 votos; e Giovane Prisco Rodrigues, da Escola Estadual Cora Coralina, em Comodoro, com 300 votos, pelo projeto “Matas ciliares, ação educacional a fim de mitigar os problemas ambientais em Comodoro-MT”.

Agora, eles concorrem à etapa nacional e, se classificados, vão para a etapa internacional, em Foz do Iguaçu, de 11 a 13 de agosto. Essa etapa contará com a participação de estudantes representantes das províncias, departamentos ou estados dos países membros do Mercosul.

Os candidatos eleitos receberam um e-mail com as instruções sobre o envio de documentação suplementar para a

compra de passagens e reserva de hospedagem para a estadia em Brasília. Todo custo será coberto pelo Ministério da Educação (MEC).

O programa é uma iniciativa do Setor Educacional do Mercosul, que proporciona aos jovens estudantes de redes públicas dos países-membros e associados um espaço de encontro e diálogo, incentivando o protagonismo juvenil para a geração de propostas sobre temáticas de interesse comum.

O objetivo é ajudar os estudantes a compreender o mundo, resolver problemas e atuar de forma cidadã, ética e responsável em sua comunidade e na sociedade. Além disso, os participantes desenvolvem competências e habilidades como domínio da linguagem, enfrentamento de situações-problema, construção de argumentação e elaboração de propostas. ●

Empreendedora realiza sonho e conquista mercado com pão de queijo mineiro

Conheça a história de Simone Borges, que deixou a produção manual e hoje fabrica 480 quilos de pão de queijo por hora

Da Redação

O que começou como um sonho se tornou um grande negócio para a empreendedora Simone Borges, proprietária da Three Pães, em Cuiabá. A paixão pela gastronomia se transformou em uma empresa de sucesso. Especializada na produção de pão de queijo mineiro congelado com sabores tradicionais, goiabada e provolone, a marca vem alcançando diversos pontos de vendas e grandes redes de supermercados em Mato Grosso.

A jornada empreendedora de Simone começou em 2023, após ter um sonho determinante para o nascimento de sua empresa. Inspirada pela visão e incentivada por sua filha, decidiu investir na produção caseira e iniciou as vendas para vizinhos no condomínio onde morava.

A produção inicial começou na cozinha de sua casa, atendendo amigos e familiares. Com a alta demanda,

Simone decidiu vender seu veículo para adquirir uma cozinha profissional.

O reconhecimento veio rápido, a Three Pães começou a comercializar seus produtos em supermercados e estabelecimentos de diferentes cidades de Mato Grosso, Cuiabá, Lucas do Rio Verde, Sorriso, Primavera do Leste, Rondonópolis, Tangará da Serra, entre outras.

Com a crescente demanda e a necessidade de expandir a produção, a Three Pães deu um grande passo rumo ao crescimento com o apoio da Desenvolve MT. O crédito obtido possibilitou a modernização do processo produtivo, reduzindo o trabalho manual e aumentando a capacidade de fabricação. Com a aquisição de uma nova máquina, a empresa não apenas ganhou eficiência, mas também abriu novas oportunidades para expandir seus negócios.



Com a expansão, a estrutura também precisou crescer. A empresa está reorganizando a produção para otimizar espaços e aumentar a capacidade de fornecimento. “A produção só cresce e estamos nos adaptando para atender melhor nossos clientes. Compramos uma máquina que nos permite produzir 80 quilos de pão de queijo a cada dez minutos, graças ao financiamento da Desenvolve MT”, destaca Simone.

“Esse crédito foi um divisor de águas para nós. Conseguimos tirar o peso do trabalho manual, aumentar a produção e expandir nossa cozinha.



“A produção só cresce e estamos nos adaptando para atender melhor nossos clientes. Compramos uma máquina que nos permite produzir 80 quilos de pão de queijo a cada dez minutos, graças ao financiamento da Desenvolve MT”

Além disso, pude sair do operacional e focar no que realmente amo, prospectar clientes, viajar e levar nosso produto para novos mercados. Nossa meta agora é fazer com que a Three Pães seja reconhecida não apenas em Mato Grosso, mas mundialmente”, disse a empresária.

Apesar do rápido crescimento, a empresária segue com os pés no chão e tem objetivos bem definidos. Com menos de dois anos, a Three Pães já conquistou um espaço importante no mercado. A história de Simone é um exemplo de determinação e trabalho,

provando que um sonho pode se tornar uma realidade de sucesso.

DESENVOLVE EMPRESARIAL

Com a linha de crédito para investimento Desenvolve Empresarial, empreendedores têm acesso a financiamento com condições facilitadas para investir na expansão dos negócios, aquisição de equipamentos, capital de giro associado e muito mais.

Com financiamento de até R\$1,5 milhão, oferece prazos de pagamento de até 120 meses e carência de até 12 meses para início dos pagamentos. As

taxas de juros são competitivas, a partir de 1% ao mês na modalidade Invest e 1,2% ao mês na Invest Mix com capital de giro associado, com um bônus de adimplência de 30% para pagamentos em dia.

Para conhecer a Linha Empresarial, acesse o site www.desenvolve.mt.gov.br. Lá, você pode conferir as condições, utilizar o simulador de crédito para calcular as parcelas do financiamento e encontrar a opção que melhor se adapta às necessidades da sua empresa. ●



Por Ademir Galtizki

Agricultura regenerativa

A recuperação dos ecossistemas através da produção sustentável

Por Ademir Galitzki, Ingrid Graziano, Cargill, Site e Revista Cultivar.

Nos últimos anos, os sistemas agrícolas da América do Sul têm avançado significativamente, tornando-se protagonistas não apenas na produção de alimentos e biocombustíveis para o mundo, mas também em iniciativas de regeneração dos ecossistemas. Diante de desafios que vão além da simples preservação de áreas de vegetação nativa, diversos representantes do setor estão investindo em tecnologias e inovações que visam promover sistemas de produção mais eficientes e regenerar o ambiente, especialmente o solo, garantindo resiliência e sustentabilidade tanto para o produtor rural quanto para toda a cadeia produtiva.

Nesse contexto, surge a agricultura regenerativa, um modelo agrícola voltado para a regeneração da biodiversidade do solo e do ambiente, promovendo maior vida e complexidade ao sistema produtivo. Isso é possível por meio de práticas de conservação do solo, uso de bioinsumos, adição de matéria orgânica ao solo e retenção de água. Essas abordagens não só tornam os sistemas mais eficientes, mas também têm o potencial de sequestrar carbono, sendo uma ferramenta poderosa na mitigação das mudanças climáticas.

O Brasil tem se destacado como um líder na agricultura regenerativa. O que buscamos com esse modelo é ir além da simplificação dos processos agrícolas: precisamos alinhar nossas práticas com os modos naturais de ação, que envolvem maior diversidade e sistemas mais heterogêneos. Na prática, queremos criar redes de interação, promovendo maior fertilidade do solo, resistência a desafios climáticos e maior eficiência para todos os envolvidos.

A agricultura regenerativa já faz parte das estratégias globais da Cargill, que acredita ser esse modelo a chave para garantir a segurança alimentar e enfrentar os desafios das mudanças climáticas. Nos Estados Unidos, por exemplo, a Cargill mantém desde 2021 o programa RegenConnect, que incentiva práticas agrícolas regenerativas, recompensando financeiramente os produtores pelo sequestro de carbono. O programa oferece suporte técnico, por meio de agrônomos conservacionistas, para planejar o manejo agrônomico das propriedades, abrangendo desde a não revolução do solo até a implementação de culturas de cobertura. Além disso, realiza a medição e o reporte dos impactos dos manejos adotados no sequestro de carbono.

No Brasil, um exemplo de como

estamos avançando nessa agenda é o programa Resolu, criado para promover sistemas agrícolas mais diversificados e sustentáveis. O programa oferece uma plataforma completa de soluções para acelerar e ampliar a agricultura regenerativa no país, com foco em quatro pilares: assistência técnica especializada, portfólio de insumos, finanças verdes e mensuração de carbono. O Resolu atua em duas frentes: conservação de áreas degradadas para a agricultura, utilizando práticas mais sustentáveis, e adoção de práticas regenerativas em áreas agrícolas já estabelecidas para melhorar a saúde do solo.

Com essa plataforma de soluções, esperamos não apenas estimular a prosperidade dos produtores rurais, mas também gerar um impacto positivo no ecossistema, com benefícios como a redução de gases de efeito estufa, a conservação de recursos hídricos e o aumento da biodiversidade e saúde do solo. Esses programas, tanto no Brasil quanto no exterior, fazem parte do compromisso da Cargill com o produtor rural e a sustentabilidade. A agricultura é o meio pelo qual a empresa realiza esse compromisso, e no Brasil, ela é essencial para alcançarmos altos índices de excelência na gestão dos recursos naturais. ●



Divulgação

As últimas edições: uma despedida

Aos leitores e leitoras, colegas e amigos do Grupo RDM, este é um texto de despedida. As edições deste mês, que circularão no próximo, são as últimas empreendidas por este cansado editor. Está chegando a hora da aposentadoria, da redução do ritmo, da passagem de bastão.

Minha história com o Grupo RDM começou lá pelos idos de 1993, quando o jornalista, publicitário, sociólogo, advogado, marqueteiro, amigo e compadre João Pedro Marques me convidou para ser repórter freelancer de mais um de seus empreendimentos: O Tabloide, um semanário que viria revolucionar a forma de fazer jornalismo naqueles tempos.

Dois anos depois, JPM, como é mais conhecido no meio da comunicação, viria fundar a RDM - Revista dos Municípios, como iniciou, depois Revista de Mato Grosso. Acompanhei de perto o seguimento da publicação que completará três décadas este ano.

Antes de me incorporar ao Grupo RDM em Brasília, a partir de novembro de 2010, fui diretor de Redação do revivido Correio de Mato Grosso, o nosso querido “Correinho”, que foi uma das “escolas do jornalismo” mato-grossense antes, muito antes, do surgimento do curso da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

Dois anos depois de me integrar ao grupo em Brasília, tive a honra de, a pedido do João Pedro, pensar em um novo nome para a RDM, que àquele altura, já estava inserida no mercado nacional, e “Revista de Mato Grosso” limitava esses voos alçados. Foi então que surgiu a “Rede de Mídias”.

“Tenho a honra de ter feito parte deste grupo e ter como colega (ele não gosta da palavra 'patrão') um ser humano tão especial como João Pedro Marques. Um jornalista, antes de empresário, e, portanto, pensa como jornalista e não censura jornalista. Sempre me deu total liberdade para trabalhar”

Tenho a honra de, ao me dirigir para minha aposentadoria, ter feito parte deste grupo e ter como colega (ele não gosta da palavra “patrão”) um ser humano tão especial como João Pedro Marques. Um jornalista, antes de empresário, e, portanto, pensa como jornalista e não censura jornalista. Sempre me deu total liberdade para trabalhar.

Fui de tudo que João Pedro me confiou: diretor de redação, editor geral, coordenador de reportagem, nesta função coordenando o trabalho das equipes de Cuiabá e de Brasília. Mas fui também repórter, função que mais me honra no jornalismo.

Quero agradecer a ele - que se tornou meu compadre ao adotar meu filho caçula como seu pupilo - e a todos que caminharam comigo todos esses anos no Grupo RDM.

A todas e todos que passaram pela Redação, um agradecimento em nome dos meus parceiros que ainda estão em Cuiabá e em Brasília: a editora Vanessa Moreno, o editor de Arte Márcio Brandão do Carmo, a revisora Doralice Jacomazi, o repórter Jean Gusmão, o repórter Humberto Azevedo e o repórter-fotográfico Tchelo Figueiredo. Ao pessoal administrativo, todos com os quais convivi, agradecendo em nome do presidente Artur Fonseca, da diretora executiva Shlery Pereira, Nilinho Marques e do nosso querido Ademir Galitzki.

Minha aposentadoria formal não me deixará de fora do jornalismo, nem da RDM. Continuarei atuando como

jornalista na vida, agora no meu próprio tempo, e exercendo a função de repórter especial, quando requisitado. ●

Abraços e beijos!

***João Orozimbo Negrão é editor-geral desta publicação**

• Não inventa moda!

**Ao atravessar uma rua ou avenida,
utilize sempre a faixa de pedestres
e evite acidentes.**

Campanha Faixa Segura – Lei N° 12.711/2024

**Motorista, o pedestre sempre tem prioridade.*



CAMPANHA
FAIXA SEGURA



ALMT
Assembleia Legislativa

O MOSQUITO SÓ QUER UMA DISTRAÇÃO PARA ENTRAR NA SUA VIDA.

mt.gov.br



govmatogrosso



► **VOCÊ JÁ SABE O QUE FAZER, NÃO DÊ CHANCE PARA O MOSQUITO** ◀



RETIRE ÁGUA
ACUMULADA
EM VASOS
DE PLANTAS



GUARDE GARRAFAS
SEMPRE DE CABEÇA
PARA BAIXO



MANTENHA
CAIXAS D'ÁGUA
E PISCINAS
COBERTAS



MANTENHA
AS LIXEIRAS
BEM FECHADAS



GUARDE PNEUS
SEMPRE
COBERTOS

► EM CASOS MAIS GRAVES, A DENGUE
E A CHIKUNGUNYA PODEM MATAR.
**SE TIVER ALGUM SINTOMA,
PROCURE UMA UNIDADE DE SAÚDE.**



**Governo de
Mato
Grosso**